

ENSINO RURAL

349.173



M. E. C. — I. N. E. P.

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

GA

Ensino Rural

1936

DISTRIBUIÇÃO

"Nacionalização e ensino rural"

Coronel Josué de Oliveira

C. B. P. E.

Br. 9

par. 4

Gabinete do Ministro da Educação
e Saúde Pública

Ao Sr. Director Geral de Educação

De ordem do Sr. Ministro, para que se
digne de informar.

Com cumprimentos de

C. A. A. A.

Director do Gabinete.

Em 16 de setembro de 1936

J. S. S. S.



Relatório de Oliveira

Ensino Rural - 349.143

Abílio de Oliveira

NACIONALIZAÇÃO E ENSINO RURAL



O português, com os traços vigorosos de sua individualidade de povo, na phase aurea da sua existencia, quando, por toda a parte os descobrimentos alargavam os seus dominios e a sua influencia, o português, senhor primeiro do Brasil, não podia deixar de imprimir nos destinos raciais do brasileiro, o sinete da sua nacionalidade.

O negro africano, o indigena, o hollandez, que em maior porcentagem entraram para o amalgame de que saiu o povo brasileiro, foram absorvidos pela raça portuguesa, nas tendencias, e na lingua. Predominou com ésta, o typo que Portugal fizera emigrar para este lado do continente sul-americano, naturalmente diferenciado pelas condições do meio e pela influencia dos tipos raciais que aqui a defrontaram.

Mas, se hoje não ha ainda um tipo social fixo, habitando ésta parte do nosso continente, como o diz OLIVEIRA VIANNA (1), porque a extensão do território com os climas e condições physicas as mais diversas, influenciaram a sua formação, determinando nuances várias, se não ha um tipo unico, é inegavel que o povo brasileiro é já, pelas suas tradições e pela sua história, pela propria religião, e, sobretudo, pela lingua, uma nacionalidade de contornos definidos.

Ha, do norte ao sul do país, uma só consciencia, em que se fundem as aspirações, as tendencias e os melindres nacionais.

Apertado entre povos de procedencia hespanhola, o brasileiro das regiões as mais distantes, se solidarizou, para man-

(1) - Populações Meridionais. Prefacio, pag. 11.

Nº DE PROCESSO	36/5072
Nº DO ASSUMPTO	0558/00
Nº DE ORDEM	10143
DISTRIBUIDO A SECCAO	3º Techn

ter a unidade territorial e formar, autonomo já, com características próprias, embora muito afim do português, o espirito de uma nação unica. E esse espirito póde evoluir, tomar feições novas, com o correr dos tempos, mas não se fragmenta, é uno, constitue a consciencia coletiva, que é o substractum da nacionalidade.

Mas, um progressivo aperfeiçoamento espiritual do homem, orientado num sentido só, pela educação, deve ser a preocupação dos estadistas, para que essa consciencia mais se revigore. E' o que, num país da extensão que o Brasil tem, mais imperioso se torna, a bem da unidade nacional.

O ABANDONO DO IMIGRANTE E DO CABOCLLO

De cêrca de um seculo para cá, o Brasil começou a sofrer o choque das lévas imigratórias europeas.

Interessados tambem nessa transfusão de elementos raciais novos no nosso meio, e na sua colaboração economica, não só aceitámos como temos favorecido a entrada de estrangeiros em o nósso território.

Mas, é natural que a nacionalidade brasileira precisava ter consistencia, para sustentar com vantagem, os embates raciais dos povos vigorócos que a Europa nos tem mandado.

E é auspicioso para os destinos da nacionalidade, a resistencia que ela vae mantendo galhardamente, nesse entre-choque ethnico. O português no Rio de Janeiro; em São Paulo, o italiano, e o alemão nos Estados do Sul, quando se não deixam absorver, é para viver vida á parte, porque o brasileiro não se enfraquéce diante deles.

Mas, 100 annos na vida de um povo, são apenas um momento, que servirão quando muito, para adverti-lo dos perigos, dos males que os esperam.

Se de um lado, é preciso fortalecer cada vez mais

o sentimento da nacionalidade, pelo combate ao analfabétismo, e integração do cabôclo no rithmo da vida colectiva, do outro lado é necessário aproveitar as energias raciais dos pòvos estrangeiros, fundindo-os na massa comum do nósso pòvo.

Assim, não só aprimoraremos o tipo nacional, aproveitando as qualidades bôas que, em geral, distinguem as raças europeas, como previniremos incidentes futuros que poderiam ser fatais á nósssa unidade politica.

Ao envêz de cuidarmos de instruir, que é a função primordial do Estado no dizer de SERGI (2), e de nacionalizar, que num país de emigração não pôde ser função secundaria, abandonámos uma cousa e outro.

O brasileiro ficou analfabêto e o imigrante continuou estrangeiro, e nessa condição persistiu tres gerações adiante.

Houve um tempo - durante a guerra europea- em que as atenções dos aliadófilos se voltaram contra Sta. Catarina, para lhe malsinar o germanismo. Foi então uma grita que attingiu ás raias do exagero. Em Sta. Catarina só havia alemães, no juizo dos que tinham apenas idéa vaga do nosso pequeno Estado; e éra preciso, no pensar deles, empreender uma guerra de exterminio naquelas regiões ...

Tão culpado, porém, é o descendente imigrante que se conserva estrangeiro, dentro da propria pátria, como é o analfabêto, por não saber lêr; aquele visto para ser censurado e este, para ser motejado.

O brasileiro incúlto, sem orientação nenhuma na vida coletiva, se deixou ficar inérte na sua ignorancia, sem procurar adiantar o alcance da sua intelligencia.

O alemão, por exemplo, ao contrario, reagiu contra a indiferença do meio, e, com o espirito de iniciativa que a edu-

(2) - "Evolução humana".

cação lhe deu, abre lógo, no primeiro povoado que funda, ao lado da igreja, a escola. E como o pastor que o acompanhou na emigração, o professôr é tambem da mesma raça, porque outro não se lhe dá e outro mesmo que procurasse não teria.

Habitado a lêr, procura lógo o jornal que o infórme do que vae pelo mundo, e o instrua. Funda o seu jornal e assim se foi êle mantendo estrangeiro, e prolongando o mesmo espirito atravês das gerações que foi creando, desapercibido do mundo em que vivia, como o cabôclo na sua casinha de palha, sem nada que o detivesse na orientação educativa que adotava.

A LINGUA

A nacionalidade pôde fixar-se pela influencia da religião, das tradições históricas, das tendencias raciais de um povo, mas a lingua é o elemento que lhe dá coesão, que, formando a literatura nacional e estabelecendo a compreensão mutúa entre os individuos, crêa entre êles essa simpatia de que fala
STUART MILL.

Foi por terem uma só lingua e uma só literatura, que a Italia e a Alemanha conseguiram fazer a sua unidade politica, porque, na literatura e na lingua tinham os traços da fisionomia nacional (3). Se ha povos que falam dialétos como o italiano, o hespanhol, o belga, e outros que falam não apenas dialetos, mas linguas várias, como o suisso, é porque, naqueles, os dialétos não passam de variantes da lingua de que todos são afins e nestes, a comunhão de tradições históricas, de interêsses politicos, são élos bastante fortes a manter íntegro o espirito da nacionalidade. (4)

(3) - SERPA PIMENTEL, Questões de Politica Positiva.

(4) - SERPA PIMENTEL, obra já citada.

Ora, no Brasil, como já sucedera com Portugal, cuja formação étnica é um amalgama dos mais variados elementos raciais, no Brasil, é a língua que têm mantido o espírito da nacionalidade, e é por meio dela que havemos de atrair para a comunidade brasileira e fundir nela, os núcleos de populações estrangeiras, que a imigração têm carregado para o nosso território.

E', pois, lamentável que ainda haja populações estrangeiradas no nosso país, embora, valha a verdade no Sul, graças á organização que temos dado ao ensino nos ultimos 20 anos, ao estacionamento ali de batalhões do exercito e a ação do cinema, já se nóta, nas cidades, uma sensível mudança no antigo estado de coisas. Note-se, porem, que o cinema com fitas estrangeiras, nos ultimos tempos, e o radio pondo em contato direto a metropole com as suas colonias no estrangeiro, estão exercendo, entre nós, ação contraria.

Com as suas sociedades á parte, raro confundindo-se nas reuniões onde se acham, os descendentes de estrangeiro fazem-se incompreendidos dos outros, acusando-se mutuamente de antipatias e prevenções que nada justificariam.

O teuto, por exemplo, com predicados excelsos de povo, trabalhador, honéstio, asseiado, ordeiro, como descendente que é dos melhores elementos de imigração estrangeira, inspira aos demais brasileiros a maior admiração.

Haverá, então o desejo de mante-lo á distancia, quando êle nasceu como nós, debaixo do mesmo ceu e não conhece leis que protejam a sua condição de cidadãos, senão a brasileira ?

E' possível que haja teuto-brasileiro em cujo espirito se esconda o desejo de ser alemão, mas na maioria deles, os mais incultos, quando não se tenham percebido ainda, de que são brasileiros, também nunca pretenderam, conscientemente, manter a nacionalidade dos seus antepassados; e a outra parte, a maior,

insiste em ser brasileira.

Não importa, porém, que insistam nisso; a afirmação de um desejo não basta a convencer, quando as exterioridades a contrariam. Se as tradições que se cultuam, os jornais e livros que se leem, a língua que se fala em casa, na rua, nos cafés, são estrangeiros, dificilmente se estabelecerá entre os que assim procedem e os outros, o mutuo entendimento.

E eis aí a chave do que parece um enigma, - a certa incompreensão em que ainda vivem uns e outros, a meia parede que os separa. E a língua é o fator unico da separação e só com ela, até por um movimento de simpatia, pelo desejo de crear maior identificação entre nós e eles, havemos de desmanchar essa parede.

Só a língua livrará tantos brasileiros dessa situação esquerda em que os vemos, com vida quasi áparte na sociedade brasileira, lamentando-se, muitos, com frequencia, desse afastamento, sem atinar, ingenuamente, com as razões que o determinam.

NACIONALIZAÇÃO

Um país onde, pela extensão do seu territorio e pela diversidade do meio fisico, já se constituem varios tipos sociais da mesma raça, não se pode cruzar os braços diante da formação e permanencia de nucleos com tendencias diferentes das da nacionalidade brasileira. E se quanto a qualquer necleo de imigrantes essa é uma questão relevante, imaginemos o que não será com relação ao japonês, de assimilação muito mais difficil do que qualquer outro povo.

O esforço dos bons brasileiros em manter a unidade nacional, precisa, portanto, abranger, na sua ação, êste aspecto dos nossos problemas politicos.

E a orientação a seguir no sentido dêsse desiderato, não póde ser senão de catequização, por meios suasórios porque, tenhamos sempre em vista, o germanismo, o italianimo ou o nipo-

nismo, como o analfabetismo, não são crimes que se punam, mas erros que se corrigem, com decisão e com tempo.

Faz-se necessario agir, sem provocar atritos, nem crear prevenções e animosidades, que mais distanciariam o descendente de estrangeiro do convivio e dos habitos nacionais, procurando atraí-los mais a nós, com brandura, para habitua-los ao nosso espirito e podermos dizer-lhes, com a franqueza de amigos, as verdades que o espirito nacional nos dita como o fazemos aqui sem embargo da admiração a um povo como o alemão e seus decendentes, ao lado do qual nos criamos e com quem convivemos. Assim, poderemos induzir aos que sabem falar a lingua nacional, a fazerem-no de preferencia, como lingua propria, e aos analfabetos da nossa lingua, convence-los de aprenderem-na como convem a brasileiros.

LIÇÃO DA HISTORIA

Quanto aos meios praticos de que se devem lançar mãos temos a instruir-nos as lições da historia.

Na antiguidade, vemos Roma imperial lidando com os povos que sumetia aos seus dominios, para os absorver, assim como a Alemanha dos nossos dias, em face dos polacos que lhe couberam na partilha da indomita Polonia. Em ambos os casos, vemos sempre a preocupação da lingua, considerada aí tambem o mais poderoso elemento nacionalizador, como temos sustentado.

Roma, usando de meios benignos, fazia impôr a sua lingua, pela colonização, espalhando pelas regiões sumetidas ao seu poder, lévas de romanos, e pela legislação, proibindo aos governadores e aos seus funcionarios, romanos todos, de falar ou escrever a lingua dos países conquistados.

A Alemanha já foi mais violenta, obrigando os polacos a falar e aprender o alemão; e até o catecismo só era ensinado nessa lingua. (5)

(5) - Evolução Humana, pg. 102, G. SERGI.

Acresce notar, que nesses casos, tratava-se de povos dominados pela força, que se viam na contingencia de aceitar dominação estranha, ao passo que entre nós, trata-se de nacionais, que devido ao abandono dos governos, mantiveram no espirito, as tendencias da nacionalidade de seus antepassados.

Não havia violencia, portanto, nos dispositivos legais que obrigavam o ensino da lingua brasileira, nas escolas estrangeiras, como se fazia já no meu Estado, de 1918 para cá, nem quando se proibem as escolas estrangeiras, como faz a Constituição no art. 150, letra c/ pois a quasi totalidade das crianças que frequentam escolas estrangeiras é nascida no Brasil.

Cumprê, pois o Estado um dever, assim agindo, porque exerce como se desanalfabetizasse, uma das suas funções primordiais.

A ESCOLA

Em Sta. Catarina, graças á reforma do ensino em 1910, levada a effeito pelo então Governador Vidal Ramos e ao esforço e á dedicação de Orestes Guimarães, o funcionario a quem todos os elogios nunca irão além dos seus merecimentos, em Sta. Catarina, a escola tem exercido a sua influencia nacionalizadora. E' verdade que de 1918 para cá, o Governo Federal tem auxiliado os Estados do Sul; mas Santa Catarina teve em 1931 essas subvenções reduzidas.

Com deficiencia de verbas, antes, e mais agora, as escolas rurais, espalhadas pelo municipios de populações estrangeiradas, ficaram quasi sempre muito aquem do que se devia desejar.

Com a insignificancia dos ordenados, não era possivel arregimentar um corpo de professores que estivessem á altura da sua missão e pudessem grangear prestigio bastante a influenciar o meio em que atuam, em concorrência com o prestigio dos pastores, sem exceção estrangeiros.

E além do mais, o que a nosso ver seria capital, abandonam-se esses professores, bisonhos quasi sempre, ao seu critério pessoal; não ha uma fiscalização mais assidua que estimule os professores e os oriente melhor, quanto ao modo de praticarem o seu mister. Os Conselhos de Familia são uma engenhosa idéa de fiscalização, mas quanto ao fim de nacionalizar, parecem-nos de véras insuficientes, porque os seus membros, sendo elementos da população onde a escola funciona, padecem do mesmo inconveniente que ela visa combater - o estrangeirismo - e, pois, não são aptos a influencia-la no sentido contrario a essas tendencias.

A COMPLEXIDADE DO PROBLEMA EDUCACIONAL

Os teutos, por exemplo, são, em geral, homens de método de trabalho, e mesmo os mais infimos colonos, de alguma cultura. Trabalham com orientação firme, e assim produzem em geral de sobra para as suas necessidades.

A sua mesa é farta, sabe como evitar as molestias ou remedia-las; lê o seu jornal e tem a educação que seculos de cultura dos seus maiores lhe sedimentaram no espirito. E' prospero e tem na vida, uma situação de conforto.

Ao contrario, o luso, chamado Géca, oferece, em regra, desolador contraste ao lado do teuto. Não tem nos seus antepassados uma tradição de trabalho, porque, num meio de vida facil, mesmo quando desapareceu o escravo que era a besta de carga, não se fez nunca necessario maior esforço para a satisfação das suas necessidades imediatas.

Analfabeto, não tem podido desenvolver a sua mentalidade; é rotineiro e pobre, quando não é impaludado. Tambem as ambições não vão muito além do desejo de adquirir os bens estritamente necessarios ao consumo de cada dia.

Ha exceções esplendidas, é verdade, que são a segurança dos excelentes predicados do nosso povo. Quando se nos de-

para um brasileiro sadio, com um descortino mais amplo dos destinos do homem, é de ver como ele sobrepuja, muitas vezes, pela capacidade de ação, o trabalhador de qualquer outra nacionalidade. A massa, porém, dos elementos integrados no espirito da nação, oferece um nivel mental muito aquem da que vemos no comum dos teutos.

Daí, o conceito pouco lisongeiro, que estes, com razão aparente, costumam fazer do "brasileiro" como se lhe chama, estabelecendo distinção sem perceber que o fazem.

Daí, uma presunção de superioridade que realmente não existe, pois o que ha é o grau de adiantamento maior de um, com alguns seculos de civilização, sobre outro que atraz de si tem seculos de abandono.

Diante desses fatos, é intuitiva a necessidade de melhorarmos o homem de carater nacional, instruindo-o e educando-o como melhor convenha aos interesses coletivos.

Dando ao seu espirito preparação mais eficiente, não ganharemos apenas valores novos para a nossa economia, senão que, tambem daremos maior prestigio ao nacional, em face do elemento estrangeiro ou estrangeirado, e imprimiremos consistencia maior ao espirito da nacionalidade.

Assim, a pressão desse espirito se exercerá mais imperativo na alma das populações estrangeiradas, o que facilitará sobremodo o trabalho de nacionalização.

A desalfabetização, a educação do elemento genuinamente nacional, prestará um concurso inestimavel á ação dos fatores que se queiram jogar para o fim de que vimos falando.

Se não fôr um impulso de justiça que nos leve a cuidar com o mesmo carinho, do nacional que aí pela ribeira dos rios e dos nossos mares definha de ignorancia, que seja então o aproveitamento dessas energias adormecidas da nossa nacionalidade uma imposição do dever de nacionalizar os outros brasileiros.

Porque, não é possível abandonar o ambiente em que vive o alienígena localizado entre nós, e os seus descendentes.

Nacionalizar não é função do professor apenas, porque é problema complexo e ingente demais para as suas forças.

E' preciso, como, em todos os problemas sociais, que o meio com ele coopere.

Fortalecendo o espirito da nacionalidade e prestigiando o homem nacional, o estrangeiro ou os de sua origem não verão entre nós e eles, barreiras que às vezes uma falsa presunção de superioridade étnica pode levantar no seu animo.

Sem o nivelamento da cultura na massa popular, não ha como fundir elementos étnicos tão varios, como os que compõem a coletividade brasileira.

Daí se vê como nas zonas de colonização estrangeira o problema se complica. Além de alfabetizar, temos que nacionalizar. Se para aquele fim temos que vencer o indiferentismo do nossos cabôclo, para este, temos que lutar às vezes, com a resistência natural do meio.

O PROBLEMA NO BRASIL

Em todo o Brasil, porém, ha um problema a resolver: educar a massa das populações, sobretudo as rurais, que têm sido as mais abandonadas ou mais difficilmente atendiveis.

E, como ainda agora disse o sr. Presidente da Republica, o "sistema educacional brasileiro deverá ter em vista principalmente, a elevação do nivel intelectual de todas as camadas sociais e o desenvolvimento do ensino tecnico profissional, preparando o trabalho".

Rejubilamo-nos com essa afirmação do Chefe do Governo. Desde a Constituinte, vimo-nos batendo pela educação elementar e tecnica. Num país onde o grosso da população se resente até das noções do alfabeto, e onde já ha um ensino superior,

senão ideal, mas suficiente, para o objetivo precípua a que se refere o sr. Presidente Getulio Vargas, é que havemos de encaminhar esforços.

Mas, se é inegavel, indiscutivel que ha ainda, no Brasil, uma grande obra a realizar, sob o aspeto educacional, chegado é o momento de procurarmos saber como havemos de faze-lo.

Quando se delinea o plano nacional de educação, não será demais que levemos ao inquerito em curso, a nossa colaboração.

Para saber como atacar o problema, isto é, como fazer a escola, havemos de inicialmente precisar o objetivo dela.

Ensinar ler e escrever, é muito pouco, e quasi nada como bem acentuava outro dia aqui o sr. Major Juarez Tavora.

E nas zonas rurais, que mais objetivamos aqui, devemos considerar que o cabôclo, que é o cerne da nacionalidade e que nos cumpre salvar, é, no geral:

- 1 - indiferente á escola;
- 2 - impaludado, ou anquilostomosado;
- 3 - pobre;
- 4 - rotineiro;
- 5 - pelas nossas condições da vida rural, mora distante da escola.

Sendo indiferente á escola, os filhos pouco a frequentarão.

A molestia e a pobreza anemiam, enfraquecem. A rotina é, em regra, a causa da probreza.

A escola, portanto, deve ser o que chamariamos, integral, pois só atendendo a essas circunstancias todas, pode ser eficiente.

A ESCOLA RURAL

Mas, a escola rural no Brasil, quando existe, o que

é ? No município de Joinville, que era o terceiro em renda no meu Estado, com mais de mil contos, e o que mais talvez havia cuidado dos problemas gerais, encontramos em 1932, escolas dirigidas por professores que mal sabiam escrever, e funcionando às vezes, em choupanas cobertas de palha.

Ora, o ensino primario rural no Brasil ficou entregue aos municipios que não o podiam nem podem atender convenientemente.

Pelo que vimos naquele municipio imaginamos o que não será por aí, afóra.

Por proposta nossa, reformamos o ensino municipal e depois, tendo deixado o Conselho Consultivo, fomos nós mesmos encarregado de executar aquela lei, como inspetor do ensino municipal, cargo que ocupamos durante mezes, gratuitamente. Com melhores verbas, passamos a pagar de 70\$000, 140\$000 os professores, sujeitando-os a exames e provemos de material as escolas.

Promovemos, na cidade, um curso a que compareceram os professores rurais com vantagem sem duvida, para o seu espirito e, assim, para o ensino.

Mas, chegamos ainda assim, á conclusão de que essas escolinhas não bastam. Não atendem ás circunstancias acima enunciadas.

De fato, imaginemos uma criança morando em media a dois kilometros da escola, mal alimentada, doentinha às vezes.

Quando ela, por um grande esforço, chega á escola, é de avaliar-se em que estado fisico estará. Entra para a aula. O professor, bisonho, tem que atender a tres classes (1ª, 2ª e 3ª anos) apertadas numa mesma salinha.

Findo o dia, findo o mês, findo o ano, que terão aprendido esses escolares ?

Muito pouco, sem duvida, em proporção ao tempo dispendido.

Eis porque entendemos ser indispensavel, se queremos atacar de frente o problema, e educar de fato a população rural, abandonar o sistema das escolinhas isoladas e empreender a instalação de estabelecimentos grandes, tipo escolas reunidas, que, congregando maior numero de alunos, permitam organiza-las com mais eficiencia, não só literaria, mas profissional tambem, ao mesmo tempo que se constituam centros de irradiação educativa e até recreativas á gente do sitio.

Essas escolas poderiam servir num raio de 10 kms. que um auto onibus venceria facil.

Com externato só, já poderemos avaliar o que será um estabelecimento desses.

Mas, imaginemos o que ele representará, se pudermos adotar o regimen de semi-internato, e mesmo de internato, para certos alunos, distribui-los por classes, sujeita-los a regimens desportivos, medico e alimentar, com aulas praticas de lavoura adequada ao meio, e até com algo de serviço militar, como sugere o deputado Ascendino Leão, para evitar a evasão dos moços da lavoura para a cidade, na idade do serviço militar ?

E, para Estados como o de Santa Catarina, onde ha ainda o problema da nacionalização, só assim, pensamos conseguiremos resultados definitivos.

Só um nucleo forte de brasilidade poderá vencer a oposição natural dos meios estrangeirados.

OS RECURSOS

Presentimos a objeção. E dinheiro para tanto ? Felizmente, a Constituição ainda no-lo garantiu, determinando que 20% da quota reservada para educação, deviam ser aplicados no ensino rural. Se mais não se aplicar nas zonas rurais, o que não é de admitir-se, pois o coeficiente de analfabetismo e de ignorancia, nos vem sobretudo daí, ainda assim, teremos cerca de 40 mil

contos, que daria para a construção de cerca de 600 estabelecimentos desses, o que importaria, a 4 escolas das atuais, isoladas, num suprimento equivalente a 2.400 escolas.

No ano seguinte, com parte dessas verbas, se proveria a escola do material necessario, com parte os manteriamos, e com uma terceira parte, se construiriam novos estabelecimentos.

Dentro de alguns anos, teremos o país todo servido convenientemente, de escolas boas e definitivas e a população brasileira do interland, com outro nivel de cultura e de preparo pratico para as suas atividades, mais feliz, mais produtiva.

Traçamos como se vê em linhas gerais, a idéa, sem entrar nos detalhes que são muitos, respeitantes ás condições especiais de cada zona.

E, senhores, essa conclusão a que chegamos por observações proprias, não está isolada. Vemo-la tambem patrocinada por um dos mais brilhantes espiritos da nova geração brasileira, Celso Kelly, ex-diretor da Educação do Estado do Rio e atual professor no Instituto de Educação do Districto Federal. S.S. que tendo occupado posto de tanta relevancia no Estado do Rio deve estar enfronhado, por conhecimento objetivo, nos aspetos praticos de tais problemas, diz, no seu interessantissimo livro "Educação Social", o seguinte:

"A escola para a zona rural não pode continuar a ser a escola elementarissima de dois anos, que mal dão para o aprendizado de leitura."

E sugera a solução:

- a) os centro rurais;
- b) os educandarios ou colonias rurais; aquele como tipo de externato; este como internato profissional.

E continua:

"Os centros rurais de educação que se devem localisar em zona de transporte facil, poderão atender com auxilio de onibus, á população infantil de um raio su-

perior a 10 kilometros."

Os educandarios e colonias raras, á semelhança dos centros, nas suas finalidades educativas serão a solução para as zonas em que o transporte é difficil.

O illustrado professor conclúe, após outras considerações, prognosticando que esses estabelecimentos serão grandes propulsores da civilisação pelo interior.

E de nós, diremos que não vemos, num plano nacional de educação, como se possa encarar diferentemente o grande problema.

Só assim integraremos no espirito da nacionalidade uma porção valiosa de brasileiros e valorizaremos e caboclo, provendo o futuro para unidade e grandeza do Brasil.